Laura Bellini



Duas Passagens Sem Promessas

Entre dois mapas, precisa haver um lugar para nós

Duas Passagens Sem Promessas

Entre dois mapas, precisa haver um lugar para nós

Laura Bellini

ROMANS

ISBN: 9788384901465

ALL-IN Rafał Płonkowski



ÍNDICE

INTRO 4
Capítulo 1 - A cidade não pertence a ninguém 11
Capítulo 2 - Limites traçados a lápis 22
Capítulo 3 - O que não aparece nas plantas 35
Capítulo 4 - As coisas que não colocamos na agenda 47
Capítulo 5 - O direito de dizer não 62
Capítulo 6 - O espaço entre nós 75
Capítulo 7 - Uma distância que ainda não existia 88
Capítulo 8 - Entre desconhecidos, nos tornamos nós mesmos 100
Capítulo 9 - O preço de um passo 111
Capítulo 10 - Tudo o que não prometemos 123
Capítulo 11 - Uma manhã sem respostas prontas 135
Capítulo 12 - Duas direções 147
Capítulo 13 - Os limites da responsabilidade 159
Capítulo 14 - Aquilo que não queremos perder 170
Capítulo 15 - O preço de ficar 180
Capítulo 16 - O silêncio entre duas cidades 192
Capítulo 17 - O mapa das minhas próprias decisões 202
Capítulo 18 - Um acordo sem sacrifícios 212
Capítulo 19 - Duas passagens em direções opostas 224
Capítulo 20 - Um lugar para nós 237

INTRO

Na minha primeira noite em Lisboa, comprei duas passagens de bonde, embora já fizesse três anos que eu viajava exclusivamente sozinha.

Não foi um gesto romântico, nem um pressentimento de que minha vida estava prestes a mudar. Simplesmente, a máquina de bilhetes no ponto cobrou o pagamento duas vezes, e eu não estava com vontade de discutir com um equipamento que, aparentemente, sabia melhor do que eu quantos passageiros deveriam participar daquela viagem.

Guardei as passagens no bolso do blazer de linho e observei as janelas iluminadas dos prédios antigos. Lisboa tinha cheiro de pedra aquecida pelo sol, café e brisa salgada vinda do rio Tejo. A luz do fim da tarde repousava sobre as fachadas, revelando cores que eu jamais conseguiria reproduzir em uma fotografia. Por alguns instantes, permaneci imóvel, permitindo-me um luxo que praticamente não conhecera nos últimos meses: não precisava correr para lugar nenhum.

Eu tinha trinta e oito anos, uma mala pesada demais para as ruas de paralelepípedos e seis semanas para provar que era capaz de montar uma exposição sem me preocupar com as expectativas dos outros.

A residência curatorial em Lisboa deveria representar mais do que um reconhecimento profissional. Eu trabalhava em um projeto dedicado à memória das cidades, às suas passagens escondidas e aos lugares que desapareciam dos mapas mais depressa do que das lembranças dos moradores. Varsóvia havia me ensinado a organizar as

histórias alheias. Portugal deveria me oferecer espaço para que, finalmente, eu pudesse contar a minha própria.

No celular, havia um e-mail ainda não lido de Helena Carvalho, diretora da Fundação Horizonte. Já tínhamos conversado duas vezes sobre a possibilidade de eu assumir um cargo permanente. Ainda não existia uma proposta formal, mas o simples convite para aquelas conversas parecia abrir uma porta diante da qual eu esperava havia muito tempo.

Abri a mensagem.

Lidia, gostaríamos de conversar sobre seus planos depois do término da residência. Você teria disponibilidade na próxima quinta-feira?

Sorri para a tela. Quinta-feira. Um dia definido, um horário concreto, nenhuma grande declaração. Era exatamente assim que eu gostava de tomar decisões. Primeiro os fatos, depois as emoções, caso estas fossem realmente necessárias.

— Com licença, esse bonde vai para a Graça?

Levantei os olhos.

O homem parado ao meu lado tinha cabelos escuros, com os primeiros fios grisalhos aparecendo nas têmporas, e as mangas de uma camisa clara dobradas até os antebraços. Em uma das mãos, segurava um mapa de papel da cidade; na outra, uma pequena bolsa de viagem. Ele havia feito a pergunta em polonês, mas não porque tivesse percebido que éramos compatriotas.

Ele me reconheceu.

Por um instante, não consegui pronunciar seu nome.

— Stefan?

Ele sorriu devagar, como alguém que havia previsto minha surpresa, mas não tinha certeza de que ela seria bem recebida.

— Lidia Ostrowska. Você continua com aquela expressão de quem está prestes a corrigir a legenda errada de uma obra de arte.

— E você continua começando conversas com provocações.

— Foi uma pergunta sobre o bonde.

— Nesse caso, não. Esse vai na direção contrária.

Ele olhou para a placa do ponto e depois para o próprio mapa.

— Então foi bom ter perguntado.

Eu não via Stefan Wilga havia sete anos. Nosso último encontro acontecera em uma conferência em Cracóvia, onde discutimos sobre a revitalização de um pequeno jardim urbano. Eu defendia a preservação da composição histórica do espaço; ele argumentava que uma cidade não podia se transformar em um museu do próprio passado. A discussão durou quase uma hora e, depois, passamos outras duas tomando vinho e conversando sobre absolutamente tudo, menos sobre o jardim.

O que eu mais lembrava era a maneira como ele escutava. Não me interrompia quando eu dizia algo importante. Prestava tanta atenção que eu tinha a impressão de só começar a compreender meus próprios argumentos enquanto os pronunciava.

Naquela noite, ele quase me beijou. Ou talvez eu quase o tivesse beijado. Nunca esclarecemos os detalhes.

— O que você está fazendo em Lisboa? — perguntei.

— Trabalhando. Em um projeto de recuperação da área ao redor de um antigo complexo industrial. A fundação me convidou para prestar consultoria.

Ele mencionou um nome que eu não poderia confundir com nenhum outro.

Fundação Horizonte.

— Isso só pode ser brincadeira.

— Receio não ser tão engraçado assim.

Peguei o celular e abri o cronograma da residência. O nome do consultor externo aparecia em uma atualização enviada no dia anterior, que eu ainda não havia tido tempo de ler com atenção.

Stefan Wilga. Arquiteto paisagista.

Senti uma irritação dirigida a mim mesma. Eu sempre conferia os documentos. Sempre sabia com quem trabalharia. Pelo menos essas eram as regras da vida que eu havia organizado com tanto cuidado.

— Então vamos trabalhar juntos — comentei.

— Ao que tudo indica.

— Espero que, desta vez, você não tente plantar árvores no meio da minha exposição.

Ele soltou uma risada baixa.

— Depende. Você vai querer colocar a história da cidade atrás de uma vitrine de vidro outra vez?

Eu deveria ter respondido imediatamente. Conhecia aquele tipo de duelo verbal e, em geral, saía vencedora. Dessa vez, porém, percebi algo que não havia notado sete anos antes: o cansaço escondido em seus movimentos tranquilos, a leve tensão ao redor da boca. Stefan parecia

mais maduro, menos despreocupado. Como se a vida tivesse lhe ensinado que nem todo espaço podia ser reformado de acordo com o projeto inicial.

O bonde chegou. O velho veículo amarelo parou com um rangido metálico, e as portas se abriram bem diante de nós.

— É o seu? — perguntou.

— É. Estou indo para o apartamento.

— Então não vou atrapalhar.

Ele deu um passo para trás, deixando o caminho livre. Aquele pequeno gesto me surpreendeu mais do que o próprio reencontro. Stefan não tentou prolongar a conversa nem arrancar de mim outros cinco minutos. Simplesmente me deixava ir embora.

Enfiei a mão no bolso e encontrei as duas passagens.

— Stefan?

Ele se virou.

— Na verdade, tenho uma passagem sobrando.

Estendi o pequeno cartão de papel. Ele olhou para a passagem e depois para mim.

— Está me convidando para viajarmos juntos?

— Estou oferecendo uma viagem de bonde. Não interprete além disso.

— Vou tentar. Embora sempre tenha tido dificuldade com isso quando estou perto de você.

Entramos. Escolhi um assento junto à janela, e ele se sentou ao meu lado, deixando um pequeno espaço entre nós. O ar quente entrava pela janela aberta, trazendo o aroma de castanhas assadas e os sons distantes das conversas nas ruas. O bonde subia lentamente por uma rua

estreita, passando tão perto das sacadas que quase seria possível tocar nas roupas penduradas para secar.

— Por quanto tempo você veio? — perguntei.

— Algumas semanas. Depois volto para a Polônia.

Ele disse aquilo sem hesitar. Como se a data do retorno fosse tão evidente quanto o endereço impresso em uma passagem.

— E você? — quis saber.

Olhei pela janela para os prédios antigos que deslizavam diante de nós.

— Ainda não sei.

Não era toda a verdade. Não lhe contei sobre a conversa com Helena, nem que, pela primeira vez em anos, considerava a possibilidade de permanecer em algum lugar definitivamente. Não me sentia obrigada a explicar meus planos a um homem que acabara de reencontrar.

Ainda assim, sua presença fazia minhas respostas tão cuidadosamente preparadas parecerem, de repente, inquietantemente incompletas.

O bonde freou com mais força ao fazer uma curva. Stefan apoiou a mão no encosto à minha frente para impedir que meu ombro batesse na barra de metal. Não me tocou. Quando o veículo recuperou o equilíbrio, ele retirou a mão tranquilamente.

— É bom ver você, Lidia — disse.

Virei a cabeça. Não havia em sua voz nenhuma brincadeira capaz de disfarçar o significado daquelas palavras.

— Também é bom ver você, Stefan.

Durante alguns instantes, ficamos olhando um para o outro, sem pressa. Do lado de fora, Lisboa deslizava sob a luz dourada, e eu já sabia que poderia descer no ponto seguinte e voltar ao plano que havia trazido comigo.

Não fiz isso.

— Você se lembra daquela noite em Cracóvia? — perguntou.

— Lembro.

— Às vezes me perguntei o que teria acontecido se eu tivesse ficado um pouco mais.

Ele não desviou o olhar. Tampouco tentou transformar aquela confissão em uma piada.

O rio apareceu pela janela. A última luz do dia refletia na superfície da água, dividindo-a em milhares de fragmentos cintilantes.

Eu tinha pela frente seis semanas de trabalho, uma proposta que poderia mudar meu futuro e um homem que acabara de me lembrar de uma pergunta deixada sem resposta sete anos antes.

— Stefan — falei mais baixo. — E se, desta vez, você ficar tempo suficiente para que a gente tenha que descobrir?

Capítulo 1 - A cidade não pertence a ninguém

Na manhã seguinte, acordei seis minutos antes de o despertador tocar, convencida de que alguém estava batendo à porta.

Fiquei imóvel por alguns instantes, prestando atenção aos sons. Pela janela aberta, vinha o tilintar de louças da cafeteria no térreo e, um pouco mais longe, alguém arrastava cadeiras de metal pela calçada de pedra. Ninguém estava batendo. Era apenas uma cidade desconhecida que, pouco a pouco, começava a estabelecer seu próprio ritmo ao redor da minha vida temporária.

Sobre a cadeira estava o blazer de linho da noite anterior. Fiquei olhando para ele por mais tempo do que seria razoável. Lembrava-me do último olhar de Stefan quando descemos do bonde e da resposta que ele não havia dado imediatamente à minha pergunta provocadora.

— Eu não gostaria de ir embora outra vez antes de descobrir algo importante — disse ele, por fim.

Depois me desejou boa noite.

Não pediu meu número de telefone, embora já tivéssemos trocado nossos endereços de e-mail profissionais. Não sugeriu um café no dia seguinte. Simplesmente seguiu em direção ao hotel, deixando-me com a incômoda consciência de que eu gostaria de tê-lo mantido ali por mais alguns minutos.

Levantei e preparei café na pequena cozinha. O apartamento alugado pela fundação era claro, cheio de plantas e livros em três idiomas. Da varanda, eu conseguia

ver um trecho do rio e os telhados sobre os quais a luz da manhã se espalhava como uma fina camada de mel.

Abri o notebook. Minha programação para as seis semanas seguintes incluía vinte e três reuniões, quatro visitas técnicas, a preparação da exposição e uma apresentação final para a diretoria da fundação. Tudo tinha seu lugar. Até as noites livres estavam marcadas em cinza-claro, embora eu não soubesse dizer exatamente o que pretendia fazer com elas.

Às nove e meia, eu conheceria a equipe responsável pelo antigo complexo industrial na Rua da Junqueira, cuja parte a fundação pretendia abrir ao público. Minha exposição contaria a memória daquele lugar por meio de fotografias, gravações de moradores e mapas que mostravam as sucessivas transformações do bairro.

Eu não havia planejado que um arquiteto paisagista se tornaria um dos meus principais interlocutores na construção daquela narrativa.

Muito menos que esse arquiteto seria Stefan Wilga.

Cheguei à fundação quinze minutos antes do horário marcado. Helena Carvalho me recebeu na entrada e me conduziu até uma sala de reuniões, onde plantas dos edifícios, fotografias e amostras de materiais estavam espalhadas sobre uma mesa comprida.

— Espero que tenha dormido bem — disse ela em inglês.

— Melhor do que se pode esperar depois da primeira noite em um lugar novo.

— Isso é um bom sinal. Lisboa geralmente faz as pessoas esperarem um pouco antes de começar a tratá-las como parte dela.

Helena era uma mulher de pouco mais de cinquenta anos, com cabelos grisalhos e curtos, e uma capacidade extraordinária de conduzir conversas sem gentilezas desnecessárias. Eu havia gostado dela desde nossa primeira videoconferência. Não perguntou se minha proposta artística seria suficientemente atraente para os patrocinadores. Perguntou o que eu queria que os visitantes não esquecessem depois de sair da exposição.

Respondi, naquela ocasião, que uma cidade não era apenas aquilo que permanecia nas fotografias.

Agora eu pretendia defender essa ideia.

— Stefan já chegou — anunciou Helena. — Está examinando a documentação do terreno.

Parei na porta.

Ele estava junto à janela, vestindo uma camisa azul-marinho com as mangas dobradas. Sobre a mesa à sua frente havia um mapa aberto e, ao lado, uma caneca de café. Quando levantou a cabeça, seu sorriso foi discreto, quase formal.

— Bom dia, Lidia.

— Bom dia, Stefan.

Helena nos observou com interesse.

— Vocês se conhecem?

— Há muito tempo discutimos sobre um jardim — respondi.

— Lidia tinha razão em uma coisa — acrescentou Stefan.

Ergui as sobrancelhas.

— Só em uma?

— Ainda estou analisando o restante.

Helena riu e nos convidou a sentar.

Durante a primeira meia hora, tudo aconteceu conforme minhas expectativas. Apresentei o conceito da exposição, provisoriamente intitulada "A Cidade Escrita Duas Vezes". O primeiro mapa reconstruiria a história oficial do complexo: datas de construção, mudanças de proprietários e funções dos diferentes ambientes. O segundo seria formado pelas histórias das pessoas que haviam trabalhado, vivido e crescido ali.

Eu queria que os visitantes pudessem percorrer o espaço ouvindo as vozes dos moradores e descobrindo quantos significados um mesmo endereço podia carregar.

Stefan escutava atentamente. Não interrompia, mas fazia algumas anotações a lápis em sua planta. Percebi que o mapa dele mostrava principalmente o pátio, as passagens e um pequeno jardim escondido entre os edifícios.

Quando terminei, Helena pediu que ele comentasse.

— O projeto de Lidia tem uma base muito sólida — disse. — Mas o percurso proposto atravessa uma parte do pátio que não deveria ser aberta ao público neste momento.

Virei-me para ele.

— Por quê?

Ele deslizou a planta em minha direção.

— O antigo reservatório de retenção foi aterrado, mas o solo ainda precisa ser avaliado. Além disso, existem três árvores antigas cujas raízes ficam exatamente embaixo do caminho previsto para a circulação.

— Não estou propondo construir uma rodovia. É apenas uma passagem temporária para pedestres.

— Para algumas centenas de pessoas por semana.

— Se a exposição for bem-sucedida.

— Imagino que esse seja o objetivo.

Seu tom permaneceu tranquilo, o que só aumentou minha irritação.

— E, se conduzirmos as pessoas por outro caminho, perderemos a parte mais importante da história. Era justamente ali que os trabalhadores se encontravam durante os intervalos. Já tenho três depoimentos que mencionam aquele lugar como o centro da vida cotidiana deles.

Stefan inclinou-se sobre o mapa.

— Não estou questionando a importância do lugar. Estou questionando a maneira de permitir o acesso a ele.

— Uma diferença que, na prática, leva ao mesmo resultado.

— Não necessariamente.

Helena nos observou por alguns instantes e então fechou o caderno.

— Vejo que vocês terão bastante coisa para conversar.

Não soube dizer se ela estava satisfeita ou preocupada.

Depois da reunião, pedi que Stefan permanecesse. Os outros participantes saíram, e a sala foi tomada por um silêncio interrompido apenas pelo ruído distante do ar-condicionado.

— Você poderia ter me avisado antes — comecei.

— Sobre o quê?

— Sobre o problema com o pátio.

— Ontem à noite?

— Por exemplo.

Ele me observou com tranquilidade.

— Ontem estávamos andando de bonde. Eu ainda não sabia exatamente como você pretendia organizar o percurso.

— Mas sabia que havia restrições no terreno.

— Sim. E imaginei que conversaríamos sobre elas durante a reunião para a qual nós dois fomos contratados.

Não podia negar a lógica da resposta. Mesmo assim, havia algo nela que me incomodava.

— Tenho seis semanas, Stefan. Daqui a quatro, a versão da exposição para a visita experimental precisa estar pronta. Não posso gastar metade da residência negociando cada metro.

Ele apoiou as mãos na borda da mesa.

— E eu não posso assinar uma recomendação para um percurso cuja segurança não consigo confirmar. Não faria isso nem por você.

As últimas palavras soaram diferentes das anteriores. Levantei os olhos.

— Nem por mim?

— Justamente porque levo seu trabalho a sério.

Por um momento, não soube o que responder. Eu estava preparada para discutir com um especialista que considerava sua área mais importante do que a arte. Não para conversar com um homem capaz de me negar alguma coisa sem fazer a menor tentativa de diminuir minha competência.

— Então o que você espera? — perguntei.

— Que a gente vá até lá juntos. Que vejamos o que realmente pode ser feito. Sem tomar decisões apenas com base em dois mapas.

— Tenho uma visita técnica programada para amanhã.

— Eu sei. Meu nome está no cronograma.

Olhei para ele com desconfiança.

— Você conhece minha agenda?

— Conheço o cronograma do projeto, Lidia. Não sua vida particular.

O sorriso familiar surgiu em seus lábios.

— Embora admita que, ontem, por alguns instantes, eu estivesse mais interessado nela do que no trabalho.

Fechei a pasta com um pouco mais de força do que pretendia.

— É muito conveniente que você consiga separar essas duas coisas.

— Eu não disse que consigo.

O ar entre nós pareceu ficar mais denso. Bastou uma frase para eu me lembrar dos sete anos de silêncio, daquele terraço de hotel em Cracóvia e da mão dele repousando bem perto da minha sobre o parapeito.

— Stefan, quero que a gente trabalhe bem junto.

— Eu também.

— E isso significa que não vamos permitir que o passado complique o projeto.

Ele aceitou minhas palavras sem protestar. Durante alguns instantes, girou um lápis entre os dedos e depois o colocou sobre a planta.

— Combinado. Mas tenho uma condição.

— Estou ouvindo.

— Quando estivermos falando sobre o projeto, não presuma que estou contra você só porque discordo de uma proposta sua.

Senti uma pequena pontada de vergonha. Era exatamente o que eu acabara de fazer.

— E minha condição é que você não use a segurança como escudo quando existirem soluções capazes de preservar o sentido da exposição.

— Justo.

Ele estendeu a mão. Apertei-a, um pouco divertida com a formalidade do gesto. Sua mão era quente e áspera, mas ele não segurou a minha nem um segundo além do necessário para selar nosso acordo.

— E mais uma coisa — acrescentei.

— Estou começando a temer que esteja negociando um acordo muito desfavorável.

— Nossa conversa de ontem no bonde não significa que agora você possa me tratar de maneira diferente dos outros colegas.

Sua expressão ficou séria.

— Nunca foi minha intenção.

Não havia orgulho ferido em sua voz. Apenas uma firmeza que aceitei com uma facilidade surpreendente.

À tarde, encontrei-me com Inês Ribeiro, coordenadora da residência. Ela tinha pouco mais de trinta anos, falava depressa e carregava na bolsa mais chaves do que eu já havia visto com uma única pessoa. Mostrou-me o arquivo da

fundação e me apresentou a duas senhoras que haviam concordado em compartilhar suas lembranças do antigo complexo.

Uma delas, dona Teresa, trabalhara ali durante vinte e sete anos.

— Todo mundo me pergunta sobre as máquinas — disse ela quando nos sentamos à pequena mesa. — Ninguém pergunta sobre o banco.

— Que banco?

— O que ficava debaixo da árvore. Era ali que as decisões mais importantes eram tomadas. Quem ia mudar de emprego, quem ia se casar, quem precisava de ajuda. Os chefes tinham seus escritórios, e nós tínhamos nosso banco.

Anotei suas palavras quase literalmente. De repente, entendi por que o pátio era tão importante para mim. Ele não era apenas uma passagem entre as salas da exposição. Era o lugar onde as histórias particulares dos moradores ganhavam significado.

Mostrei uma fotografia antiga a Teresa.

— Era aqui?

Ela aproximou a foto dos olhos.

— Sim. Mas o banco ficava um pouco mais à esquerda. Debaixo da árvore maior.

Marquei o ponto em uma cópia da planta. Exatamente onde Stefan havia delimitado, em vermelho, uma área que precisava ser protegida.

Durante alguns minutos, conversamos sobre as pessoas que se sentavam debaixo daquela árvore. Teresa contou que era ali que seu futuro marido a esperara depois do primeiro turno que fizeram juntos. Na ocasião, ele não disse

nada especialmente importante. Apenas levou duas laranjas porque sabia que ela havia esquecido o almoço.

— Dois anos depois, nos casamos — acrescentou. — Mas não foi porque ele levou as frutas. Foi porque, na vez seguinte, também se lembrou.

Voltei para o apartamento com as palavras dela na cabeça.

Antes de entrar no prédio, parei em uma pequena papelaria. Comprei um caderno de esboços novo e alguns lápis. Gostava de começar o trabalho com páginas em branco, embora soubesse que algumas das melhores ideias surgiam justamente onde alguém já havia deixado uma marca.

O celular vibrou.

Uma mensagem de Stefan.

Conferi as medições anteriores. Amanhã vou mostrar duas alternativas de acesso ao pátio. Uma delas talvez permita preservar a vista da árvore antiga.

Li a mensagem duas vezes. Ele poderia ter encerrado o expediente em sua mesa, considerando que o problema era meu. Em vez disso, estava procurando uma solução.

Respondi:

Conversei com uma antiga funcionária. A árvore é mais importante do que eu imaginava. Amanhã vou mostrar o depoimento dela.

A resposta chegou quase imediatamente.

Então nós dois temos motivos para rever nossas primeiras hipóteses.

Sorri. Pouco depois, apareceu outra mensagem.

E mais uma coisa. Conheço um lugar em Lisboa que serve um café forte o suficiente para sobreviver a uma conversa com você. O convite continua de pé, mas exclusivamente fora do horário de trabalho.

Fiquei olhando para a tela, tentando descobrir em que momento exatamente ele havia conseguido me convidar pela primeira vez.

Respondi:

Primeiro me mostre essas duas alternativas. Depois decido se você mereceu o café.

Deixei o telefone sobre a bancada da cozinha.

Alguns minutos depois, parada junto à janela aberta, percebi que ainda não havia verificado a resposta de Helena sobre a reunião da semana seguinte para discutir o cargo.

Aquilo não se parecia nem um pouco comigo.

Liguei o notebook e confirmei o horário da conversa. Depois abri a agenda para acrescentar uma visita ao arquivo. Na visita técnica do dia seguinte, já apareciam dois nomes.

Lidia Ostrowska.

Stefan Wilga.

Durante sete anos, aqueles nomes haviam pertencido a duas histórias separadas. Agora apareciam lado a lado em um mesmo campo, no mapa de uma cidade que deveria significar coisas diferentes para cada um de nós.

Eu não queria tirar nenhuma conclusão disso.

Mas, quando fechei o computador, soube que esperaria pela manhã seguinte por motivos que não cabiam em nenhum cronograma.

Capítulo 2 - Limites traçados a lápis

Stefan me esperava na entrada do antigo complexo com dois copos de café e um mapa enrolado debaixo do braço.

Eram nove e quinze. O ar ainda estava fresco, e a avenida larga que seguia em direção ao rio começava a se encher de carros. Acima do muro baixo do complexo, erguiam-se as copas de árvores que eu não havia visto nas fotografias recentes.

— Não sabia como você toma café — disse ele, entregando-me um dos copos. — Então comprei puro, sem açúcar. Se não gostar, fico com ele.

— Puro está perfeito.

— Ótimo. Primeira crise resolvida.

Aceitei o café, tentando não sorrir demais. Ele usava calças claras e uma camisa verde em tom discreto. Parecia mais descontraído do que no dia anterior, mas nem um pouco menos profissional.

— Tenho uma coisa para você — falei.

Tirei da bolsa uma cópia impressa de um trecho da conversa com Teresa. Stefan leu sem pressa, detendo o olhar na descrição do banco debaixo da árvore.

— Isso muda a maneira como deveríamos pensar sobre esse lugar — afirmou.

— Exatamente.

— Você não precisa necessariamente fazer as pessoas atravessarem o centro do pátio. Precisa fazer com que entendam por que ele era importante.

— Uma coisa não exclui a outra.

— Vamos ver.

Não respondi. Estava começando a compreender que a teimosia dele não consistia em defender sua primeira ideia. Stefan simplesmente não queria tomar decisões antes de enxergar o problema inteiro. Era uma característica ao mesmo tempo irritante e difícil de contestar.

Na entrada, fomos recebidos por Miguel, o administrador do imóvel. Ele abriu o pesado portão de metal e nos conduziu até o primeiro edifício. O interior tinha cheiro de poeira, madeira e da umidade que as paredes antigas haviam absorvido ao longo dos anos. Raios de sol entravam pelas janelas altas, iluminando as pequenas partículas de pó suspensas no ar.

Atravessamos um galpão vazio, onde ainda se viam no chão as marcas dos antigos postos de trabalho. Imaginei as vozes das pessoas, os ruídos das máquinas, as conversas rápidas durante os intervalos. Era exatamente isso que eu procurava: uma maneira de devolver a presença humana àquele espaço sem fingir que seria possível voltar no tempo.

Stefan parou diante da porta que dava acesso ao pátio.

— Aqui começa a parte mais complicada.

Saímos.

O pátio era maior do que as plantas sugeriam. No centro, crescia uma árvore antiga de copa larga, cercada por trechos de pavimentação de pedra e restos de pequenos muros. Em um dos pontos, o terreno apresentava um afundamento visível.

Stefan indicou a área assinalada na documentação.

— Debaixo desta parte fica o antigo reservatório. Ainda não sabemos se foi aterrado corretamente. Por isso, não

podemos abrir uma passagem ao público sem fazer estudos adicionais.

Ele se agachou junto à borda do antigo caminho e me mostrou algumas rachaduras.

— Está vendo? Essa linha não surgiu por acaso. O terreno se movimenta de maneira diferente dos dois lados.

Ajoelhei-me ao lado dele para observar melhor. Senti o cheiro da terra aquecida e o perfume discreto de sua colônia, quase imperceptível sob o aroma do café.

— E se instalássemos uma plataforma leve? — perguntei.

— Talvez seja possível. Mas primeiro precisamos saber sobre o que ela ficaria apoiada.

— De novo você está falando como se quisesse paralisar o projeto inteiro.

Ele virou a cabeça.

— Lidia, olhe para mim.

Fiz isso, contrariada.

— Não estou tentando tirar nada de você. Quero que as pessoas também possam entrar aqui daqui a dez anos. Se danificarmos as raízes ou ignorarmos as condições do solo, perderemos algo que não poderá ser recuperado.

Ele não levantou a voz. Falava com tanta convicção que, por um instante, esqueci a resposta que havia preparado.

— E, se nos concentrarmos demais na preservação, ninguém conhecerá a história deste lugar — respondi, mais baixo.

— É por isso que estamos aqui, nós dois.

Ele se levantou e me estendeu a mão. Dessa vez, aceitei sem pensar. Ajudou-me a ficar de pé sobre o terreno

irregular e então se afastou, deixando espaço para que eu examinasse a árvore.

Durante a hora seguinte, percorremos o terreno, comparando as plantas com a disposição real das passagens. Stefan assinalava os pontos que exigiam estudos, enquanto eu fotografava os vestígios do uso anterior do espaço. Discordamos várias vezes sobre o percurso, mas a natureza da discussão foi mudando aos poucos. Em vez de defender nossas próprias ideias, começamos a investigar como poderíamos combiná-las.

Junto à parede oeste, descobrimos uma passagem estreita que levava a um pequeno terraço elevado.

— Daqui dá para ver o pátio inteiro — observei.

Stefan consultou a planta.

— E o terreno deste lado é estável. Faz parte de uma antiga passagem técnica.

Aproximei-me do parapeito. A árvore estava quase exatamente à nossa frente. Daquela perspectiva, era possível ver não apenas sua copa, mas também o lugar onde, segundo Teresa, ficava o banco.

— Poderíamos colocar uma gravação aqui — sugeri. — A voz de Teresa. A história das pessoas que se encontravam debaixo da árvore.

— E deixar o próprio pátio praticamente intocado.

— Não completamente. Eu gostaria de marcar no chão a antiga posição do banco. Talvez com luz, sem precisar interferir na pavimentação.

Stefan assentiu.

— Vale a pena estudar essa possibilidade.